



revista ANTHROPLÓGICAS
v. 36 n. 1 (29): varia

Thomas Hylland Eriksen (1962-2024)

Peter Schröder^a
Aleksandar Bošković^b



Foto 1: Thomas Eriksen (provavelmente antes de 2016).¹

^a Universidade Federal de Pernambuco. Professor do Departamento de Antropologia e Museologia e da Pós-graduação em Antropologia. Email: peter.schroder@ufpe.br. <https://orcid.org/0000-0001-9084-7106>

^b Uniwersytet Jagielloński, Kraków (Polónia). Professor de Antropologia. Email: aleksandarbos@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-5411-6848>



Com muita tristeza e perplexidade, recebemos a notícia do falecimento de Thomas Hylland Eriksen, em 27 de novembro de 2024, em Oslo, depois de uma luta de oito anos contra uma doença implacável. A antropologia perdeu um dos seus mais conhecidos e mais importantes representantes e as ciências humanas, um dos seus mais destacados pesquisadores sobre o mundo contemporâneo. Para os autores deste texto, ele era uma fonte aparentemente inesgotável de inspirações e ideias inovadoras e, sobretudo para Aleksandar, um amigo, com o qual havia um constante diálogo por mais de duas décadas.

Talvez a *European Association of Social Anthropologists* (EASA) tenha publicado uma das melhores sínteses em uma única frase: “*the professor who made us fall in love with anthropology*” (Leivestad; Ivasiuc, 2024). É fácil encontrar por pesquisa on-line os numerosos obituários publicados por associações e instituições acadêmicas no mundo inteiro. Infelizmente, até agora não temos visto nenhuma nota no site da Associação Brasileira de Antropologia (ABA).

Thomas Eriksen nasceu em Oslo e foi criado num ambiente familiar intelectual, sendo o seu pai um jornalista e a sua mãe, professora escolar. O seu interesse pelo mundo além da Noruega foi despertado quando acompanhou o seu pai em viagens de trabalho para a UNESCO no continente africano. Ele optou por estudar filosofia, sociologia e antropologia na Universidade de Oslo, no início da década de 1980. Durante a sua pós-graduação, Eriksen realizou duas pesquisas de campo em duas sociedades ilhoas, Maurício (1986) e Trinidad (1989). Em 1991, defendeu a sua tese de doutorado sobre “*Ethnicity and Two Nationalisms: Social Classifications and the Power of Ideology in Trinidad and Mauritius*”. No mesmo ano, ele entrou no quadro da Universidade de Oslo como associate professor e quatro anos depois foi promovido para o cargo de full professor. Em outras palavras, a sua inserção institucional e ascensão

profissionais foram bastante rápidas, algo que atualmente está se tornando cada vez menos provável para recém-doutores nas universidades europeias.

Desde o início da sua carreira como professor universitário, a quantidade e a qualidade das publicações de Thomas Eriksen chamaram a atenção no cenário antropológico nacional e internacional. Até o final da vida, ele deu a impressão de ser um autor incansável, no entanto sem ser repetitivo. Entre 1993 e 2024, foi lançado, num ritmo admirável, em média, pelo menos um livro por ano. Não é o objetivo deste obituário, apresentar uma lista completa dos seus trabalhos publicados e não publicados, nem tentar realizar uma avaliação crítica da sua obra. Isto seria uma tarefa gratificante para um trabalho futuro. Apenas queremos destacar alguns temas, livros e tendências na sua obra, publicada, majoritariamente, em inglês e norueguês.

Enquanto a publicação de introduções à área costuma ser uma tarefa de profissionais seniores no final de sua carreira ou já aposentados, no caso de Thomas, ela marca o início da sua carreira como professor. Até hoje, “Small Places, Large Issues” (2022), inicialmente publicada em 1993 em norueguês, continua a ser uma das mais usadas introduções à antropologia, traduzida para vários idiomas. O título do livro é eloquente, porque remete a um dos principais argumentos do autor: o valor da abordagem antropológica é o seu tradicional enfoque micro-sociológico com embasamento empírico, sem que isso diminua os assuntos discutidos. Essa tensão entre pequenos “campos” e grandes temas sempre foi defendida por ele como um dos traços constitutivos da área. Ademais, percebe-se no livro uma das principais preocupações do autor em toda a sua obra, de promover a compreensão entre diferentes culturas, pessoas e pontos de vista – e não só para o público acadêmico acostumado a uma linguagem científica. Duas décadas depois, o escopo de possíveis leitores foi ampliado para o público geral com “*What Is Anthro-*

pology?” (2004), explicando as suas abordagens e utilidades, por focar a apresentação em conceitos-chave numa linguagem acessível para leigos letrados.

Etnicidade, identidade étnica e nacionalismo representam temas centrais na obra de Thomas Eriksen, o que já se manifesta na tese de doutorado. “*Ethnicity and Nationalism*”, publicado em 1993, é um dos seus livros mais citados, sendo, talvez, o mais mencionado. Nele, foi dada continuidade às ideias de Fredrik Barth (1928-2016), oferecendo uma abordagem própria aos conceitos de etnicidade e nacionalismo. No livro, percebe-se um traço característico de pensar e escrever: a vontade de sistematizar os conhecimentos disponíveis sobre um tema e apresentá-los não apenas a discentes, mas também a um público maior. “*Ethnicity and Nationalism*” se tornou um subsídio indispensável para aulas sobre o tema, porque as obras alternativas não alcançaram o mesmo nível de abrangência e profundidade.

A atuação de Thomas não ficou restrita ao mundo intramuros e à influência exercida como autor de livros científicos, mas era caracterizada por uma forte presença pública, sobretudo na vida política norueguesa, como comentarista numa grande variedade de mídia e como representante, num nível inferior, do Partido Verde norueguês (*Miljøpartiet De Grønne*), ou seja, de um partido do lado centro-esquerda do espectro político. Ele era um dos intelectuais públicos mais proeminentes do seu país e, diversas vezes, as suas publicações alcançaram os primeiros dez lugares dos livros mais vendidos na Noruega. Os seus pronunciamentos e intervenções foram sobre uma gama ampla de assuntos relacionados às transformações culturais, sociais e políticas da Noruega, de outros países ou do mundo globalizado. Chama a atenção o fato de que ele nunca perdeu sua visão crítica sobre a posição ambígua e contraditória do seu país no cenário internacional, ou seja, a atuação destacada da Noruega em políticas ambientais globais, como uma das principais fontes da

riqueza nacional desde as décadas de 1960 e 1970, é a exploração de hidrocarbonetos por plataformas de extração no Mar do Norte, administrada, sobretudo, pela estatal Equinor ASA (até 2007, Statoil). A profissão do seu pai, certamente, influenciou a sua atuação pública.

O seu posicionamento firme a favor de uma forte presença antropológica na vida pública ganhou expressão em “Engaging Anthropology” (2005), uma cativante defesa da atuação antropológica na vida extramuros. Ao contrário do que pode parecer lendo apenas o título, neste livro Thomas defendeu o engajamento público de antropólogos como uma obrigação cívica de profissionais bem informados, de contribuir com os seus conhecimentos para o aperfeiçoamento da vida democrática e não como um sinônimo de diversos tipos de militância. Aliás, ele atribuiu a ausência de vozes e pontos de vista antropológicos em numerosos debates públicos tanto a tendências de encapsulação acadêmica quanto à influência perniciosa do pós-modernismo nas suas diversas versões, ou seja, àquilo que Pluckrose e Lindsay (2021) chamam de pós-modernismo aplicado.

As aceleradas transformações – ambientais, culturais, sociais e econômicas – do mundo globalizado no início do século XXI foram o enfoque de uma série de publicações de Thomas nas duas décadas passadas, começando com “*Tyranny of the Moment*” (2001), em que ele apresentou e discutiu criticamente as mudanças na vida social e cultural, sobretudo na conceitualização do tempo, desencadeadas pelas tecnologias digitais e pelo crescimento vertiginoso dos deslocamentos humanos em torno do planeta.

Nenhum livro, no entanto, sintetizou melhor a sua abordagem original, apoiada num conjunto de ferramentas conceituais descritivas e analíticas, em parte emprestadas da cibernética, do que “*Overheating*” (2016). A sua concepção de um mundo sobreaquecido não era apenas ambiental, mas focou assuntos

como o consumo crescente de energia, a mobilidade humana cada vez maior (tanto migratória quanto turística), o crescimento incessante de cidades, a produção exorbitante de lixo e a sobrecarga informacional. O livro foi resultado de um ambicioso projeto de pesquisa financiado pelo *European Research Council* sobre as três grandes crises da globalização – a ambiental, a econômica e a identitária. O projeto, “*Overheating – the three crises of globalisation*”, foi constituído por uma série de projetos etnográficos interrelacionados, cujo objetivo geral era produzir informações comparáveis sobre percepções, impactos e gerenciamentos locais de crises globais, tentando superar, desse modo, as miopias tanto dos vieses antropológicos convencionais quanto das abordagens top-down de outras ciências sociais. Ele era apenas o primeiro de uma série de publicações em torno do conceito de sobreaquecimento (Eriksen; Schober 2016, Eriksen 2018, Stensrud; Eriksen 2019, para citar alguns exemplos).

Paralelamente às pesquisas sobre o mundo globalizado sobreaquecido, Thomas sempre manteve vivos seus múltiplos interesses, olhando não apenas para a atualidade, mas também para o passado da antropologia, nunca aceitando as narrativas às vezes reducionistas, às vezes distorcidas sobre nossos ancestrais da área. Isso começou logo no início do século, em 2001, com a publicação de “*A History of Anthropology*”, em coautoria com o colega dinamarquês Finn Nielsen. A tradução para o português, de 2007, é uma das histórias da antropologia mais lidas no Brasil, sobretudo por candidatos a vagas em seleções de pós-graduações em antropologia. Trata-se de outro livro em que se percebe nitidamente uma característica da escrita de Thomas: a riqueza e a diversidade de informações empiricamente confirmadas.

Aleksandar se lembra de um momento em abril de 2003, em Grahamstown, África do Sul. Thomas era *Visiting Fellow*, na Rhodes University, e Aleksandar fora nomeado como Senior

Lecturer. Durante um dos passeios, Thomas sugeriu organizar alguma atividade sobre antropologias “não-cêntricas” para a EASA Conference de 2004, em Viena. O resultado foi a coletânea “*Other People’s Anthropologies*” (Bošković 2008). O interesse contínuo pelas histórias das antropologias além das narrativas do mainstream triangular USA-GB-F ficou patente na publicação de uma biografia de Fredrik Barth (2015), numa contribuição valiosa para a coletânea importante de Rosa e Vermeulen (2022), mas também com a sua atuação no âmbito do *History of Anthropology Network* (HOAN), da EASA, reativado em 2016 durante a EASA Conference, em Milão. Para Thomas, o respeito à diversidade linguística nas tradições nacionais da antropologia sempre ocupava um lugar central, como se pode ver em uma das suas últimas conferências (2023).

A EASA desempenhava um papel central na sua atuação profissional internacional. Thomas foi presidente da associação no biênio 2015-16 e participou da diretoria de 2016 a 2018. Como alguém que acompanhou o surgimento e o crescimento da associação, até o final da sua vida, ele se mostrou bastante preocupado com os desenvolvimentos recentes, que visam transformar a associação em porta-voz de ativismos políticos. Numa carta aberta, por exemplo, Thomas criticou decisões da diretoria de publicar uma declaração sobre a Guerra na Ucrânia em que a Rússia de Vladimir Putin praticamente foi inocentada. Depois, a diretoria recuou e divulgou outra declaração, condenando o ataque russo contra o país vizinho (EASA 2022)².

No dia 3 de dezembro de 2023, Thomas manifestou as suas preocupações num e-mail para Aleksandar: “[...] *the EASA Exec has been taken over, owing to skilful manoeuvring and lobbying [...]* But the idea that we should be a radical political organisation is alien to most of us, I believe, including those who share the views”. Apesar do enfraquecimento pela sua luta contra o câncer, ele manteve o seu otimismo, mostrando vontade de lutar contra essas ten-

dências, o que se pode ver em outra mensagem de e-mail que recebemos no dia 4 de julho de 2024, antes da EASA Conference em Barcelona:

EASA has always been about building bridges or, if need be, insisting that we all live on the same island and therefore have no need for bridges. It is disconcerting to see how certain factions have mobilised at recent elections (reminds me of strategies used by Maoists in my student days), but the sensible response is to counter this tendency with sensible people and make certain that members vote. So let us speak out and hope for the best!

Há muito tempo, ele estava preocupado com as transformações da área, desencadeadas em diversas ramificações, a partir da década de 1980, e foi incisivo na sua avaliação: “[...] *the assault of postmodernism on any kind of truth claim was the last thing anthropology needed, saturated as it already was with self-doubt*” e “*In fact, in retrospect it is easy to see that postmodernism did considerable damage to anthropology*” (Eriksen 2005, p. 23, 25).

A antropologia defendida por Thomas sempre foi comparativa, com sólida orientação empírica, ou seja, ela se destacou menos por seguir certas tendências teóricas, com suas temporalidades e modismos, do que por apresentar, com uma riqueza impressionante de informações, o estado da arte de conhecimentos empiricamente consolidados sobre os temas escolhidos. Ele nunca poupou esforços para sistematizá-los e, desse modo, reforçar a sua insistência na utilidade dos saberes produzidos pela antropologia para entender a diversidade das vidas humanas e contribuir para um mundo melhor. Ele diria: “O mundo precisa de mais antropólogos”. Apreensivo sobre o futuro da humanidade e do planeta, ele se tornou um promotor de valores humanos básicos, do nível local ao global. Aleksandar se lembra de uma conversa pessoal em que Thomas concordou com a conclusão de que os seres humanos não conseguem destruir o planeta na sua totalidade, mas sobretudo eles mesmos, ou seja,



que o planeta sempre terá as condições de se recuperar de alguma maneira sem a presença humana e as suas intervenções. O seu comentário foi: “*But it would be nice to have someone around to write about it*”.

Thomas Eriksen foi um humanista, porém um humanista atualizado, cosmopolita, como se pode ver em propostas como aquela de Antweiler (2012), ou seja, avesso àquelas antigas versões etnocêntricas conhecidas de outras épocas.

A grande produção bibliográfica de Thomas pode dar a impressão de que ele era um workaholic concentrado exclusivamente na vida acadêmica, mas o centro da sua vida era, de fato, a sua família. Além disso, ele era músico, tocava saxofone na sua banda local, *Gentle Knife*. Ele se viu principalmente no papel de professor e de promotor de conhecimentos antropológicos para um mundo melhor. Um dos aspectos da sua personalidade sempre mencionados por pessoas que o conheceram foi a sua generosidade com estudantes e jovens profissionais. Isso também ficou perceptível em dois momentos, quando tivemos a oportunidade de encontrar Thomas Eriksen no Nordeste brasileiro como conferencista convidado, na primeira vez em 2010, por ocasião da Jornada de Etnicidade, no Recife, e na segunda, em 2016, na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), em João Pessoa.

Entre os numerosos prêmios e homenagens recebidos merece ser mencionada, em particular, a Medalha Vega, conferida em 2022, pela Sociedade Sueca de Antropologia e Geografia (*Svenska Sällskapet för Antropologi och Geografi* / SSAG), algo equivalente a um Prêmio Nobel para antropólogos.

Com o seu trabalho e a sua energia aparentemente inesgotável, Thomas Eriksen tocou e comoveu a vida de muitas pessoas, mostrando como entender outros povos e outros pontos de vista enriquece o mundo; algo cada vez mais importante em sociedades em que ignorar, menosprezar ou discriminar diferen-

ças sociais, culturais e religiosas se tornou um combustível programático de agendas políticas e ideológicas.

Thomas Hylland Eriksen era uma pessoa excepcional, “uma flor rara”, como observou Thorgeir Kolshus, um de seus colegas do Departamento de Antropologia Social da Universidade de Oslo. Nas palavras de Oddmund Hoel, Ministro de Pesquisa e Ensino Superior da Noruega, “*Thomas Hylland Eriksen was a true intellectual, who impressed, irritated and engaged*”. Ele era realmente um antropólogo engajado, como defendido no seu famoso livro de 2005.



Foto 2: Último encontro dos dois autores com Thomas Eriksen. Mesa-redonda: “(Dis)placements: anthropologies, histories, futures”, 18th EASA Biennial Conference, Barcelona. Fonte: Priscila Florentino Silva (2024).

Notas:

¹ Fonte: <https://soundcloud.com/user-985928520/thomas-hylland-eriksen-grenser-for-grenselos-utfoldelse-planeten-og-menneskeheten>. Acesso em: 22 out. 2025.

² A carta de Thomas Eriksen, junto com aquelas de outros sócios da associação, foi posteriormente removida do site da EASA pela diretoria. Apenas temos um arquivo baixado e impresso em formato PDF, que prova a sua existência. A declaração inicial da diretoria tampouco ainda se encontra no website da associação.

Referências:

- ANTWEILER, Christoph. *Inclusive Humanism: Anthropological Basics for a Realistic Cosmopolitanism*. Göttingen: V&R unipress; Taipei: National Taiwan University Press, 2012.
- EASA (European Association of Social Anthropologists), Executive Committee. *Easa Statement on the Russian War against Ukraine*. 2022. Disponível em: <https://easaonline.org/letters-of-support/easa-statement-on-the-russian-war-against-ukraine>. Acesso em: 22 out. 2025.
- ERIKSEN, Thomas Hylland. *Tyranny of the Moment: Fast and Slow Time in the Information Age*. Londres: Pluto Press, 2001.
- ERIKSEN, Thomas Hylland. *What Is Anthropology?* Londres: Pluto Press, 2004.
- ERIKSEN, Thomas Hylland. *Engaging Anthropology: The Case for a Public Presence*. Oxford, Nova York: Berg, 2005.
- ERIKSEN, Thomas Hylland. *Fredrik Barth: An Intellectual Biography*. Londres: Pluto Press, 2015.
- ERIKSEN, Thomas Hylland. 2016. *Overheating: An Anthropology of Accelerated Change*. Londres: Pluto Press, 2016.
- ERIKSEN, Thomas Hylland (ed.). *An Overheated World: An Anthropological History of the Early Twenty-First Century*. Londres, Nova York: Routledge, 2018.
- ERIKSEN, Thomas Hylland. 2021. *Små steder – store spørsmål: innføring i sosialantropologi*. 4. ed. Oslo: Universitetsforlaget, 2021.
- ERIKSEN, Thomas Hylland. *Small Places, Large Issues: An Introduction to Social and Cultural Anthropology*. 5. ed. Londres: Pluto Press, 2022.
- ERIKSEN, Thomas Hylland. *The Many Languages in the History of European Anthropology – (Keynote Conference) First International Conference on the Histories of Anthropologies*. Pisa: Università di Pisa, 2023. Disponível em: <https://youtu.be/ngo1hHLAV2k>. Acesso em: 22 out. 2025.

- ERIKSEN, Thomas Hylland; NIELSEN, Finn Sivert. A History of Anthropology. Londres: Pluto Press, 2001.
- ERIKSEN, Thomas Hylland; NIELSEN, Finn Sivert. História da Antropologia. Petrópolis: Vozes, 2007.
- ERIKSEN, Thomas Hylland; SCHÖBER, Elisabeth (ed.). Identity Destabilised: Living in an Overheated World. Londres: Pluto Press, 2016.
- LEIVESTAD, Hege Høyer; IVASIUC, Ana. Thomas Hylland Eriksen, the professor who made us fall in love with anthropology. 2024. Disponível em: <https://easaonline.org/news/eriksen>. Acesso em: 22 out. 2025.
- PLUCKROSE, Helen; LINDSAY, James. Teorias cínicas. São Paulo: Faro Editorial, 2021.
- ROSA, Frederico Delgado; VERMEULEN, Han F. (eds.). Ethnographers Before Malinowski: Pioneers of Anthropological Fieldwork, 1870-1922. Nova York: Berghahn Books, 2022.
- STENSRUD, Astrid B.; ERIKSEN, Thomas Hylland (ed.). Climate, Capitalism and Communities: An Anthropology of Environmental Overheating. Londres: Pluto Press, 2019.

Recebido: 14.01.2025

Aceito: 22.10.2025